

8. Nós cremos na Santa Ceia. Jesus Cristo, na noite em que foi traído, tomando o pão e havendo dado graças, partiu-o e deu-o aos discípulos, dizendo: "Isto é o meu corpo, que por vós é dado; fazei isto em memória de mim". Semelhantemente tomou o cálice, depois da ceia, dizendo: "Este cálice é o Novo Testamento no meu sangue, que é derramado por vós". (Lucas 22:19-20; I Coríntios 11:24-25)

E, tomando o pão e havendo dado graças, partiu-o e deu-lho, dizendo: Isto é o meu corpo, que por vós é dado; fazei isso em memória de mim. Semelhantemente, tomou o cálice, depois da ceia, dizendo: Este cálice é o Novo Testamento no meu sangue, que é derramado por vós. Lucas 22:19-20.

E, tendo dado graças, o partiu e disse: Tomai, comei; isto é o meu corpo que é partido por vós; fazei isto em memória de mim. Semelhantemente também, depois de cear, tomou o cálice, dizendo: Este cálice é o Novo Testamento no meu sangue; fazei isto, todas as vezes que beberdes, em memória de mim. I Coríntios 11:24-25.

Santa Ceia é uma refeição comunal quando a Igreja compartilha o pão e o fruto da vide em recordação da obra expiatória de Cristo. Propriamente dito, é a única celebração regular da Igreja com ordenança bíblica. Os primeiros cristãos partiam o pão com frequência (At 2:46; 20:7) e todo o crente deve estar em comunhão com Deus e o próximo para vir tomar do cálice e do pão. Não participar dela, incorre na não comunhão com Cristo (Jo 6:53).

Ação de graças: Jesus iniciou a Santa Ceia dando graças. A Igreja primitiva partia o pão com coração alegre, louvando a Deus (At 2:46-47). Ainda que relembremos na Santa Ceia a morte atroz do Senhor, também comemoramos o que se seguiu: sua ressurreição vitoriosa. Por isso, agradecemos por essa obra sem merecimento nosso algum, a qual é a graça. Gratos e com alegria participamos do corpo e do sangue de Cristo para termos parte com Ele (Jo 6:47-58).

Reconciliação: os remidos pelo Sangue devem ter consciência do significado da Santa Ceia. Em razão disso, é reservada aos que compreenderam a fé em Cristo. Para não chegar indignamente à mesa, é necessário arrependimento de seus pecados e procurar viver em paz uns com os outros (cf. Mt 5:23-24), pois a Santa Ceia lembra a obra reconciliadora de Deus conosco e nosso dever de reconciliarmos uns com os outros. "Portanto, qualquer que comer este pão ou beber o cálice do Senhor, indignamente, será culpado do corpo e do sangue do Senhor. Examine-se, pois, o homem a si mesmo, e assim coma deste pão, e beba deste cálice." I Co 11:27-28.

Comunhão: "Porque nós, sendo muitos, somos um só pão e um só corpo; porque todos participamos do mesmo pão". I Co 10:17. Frequentemente as Escrituras lembram que a Igreja é o corpo de Cristo (Cl 1:24; Rm 12:5; I Co 12:2), por isso que na Santa Ceia entramos em comunhão com Deus e o próximo, pedindo que aquele mesmo corpo e sangue precioso levado à cruz nos conserve em união. "E, perseverando unânimes todos os dias no templo e partindo o pão em casa, comiam juntos com alegria e singeleza de coração, louvando a Deus e caíndo na graça de todo o povo. E todos os dias acrescentava o Senhor à igreja aqueles que se haviam de salvar". *At 2:46-47). Essa comunhão na Santa Ceia, pelo Espírito Santo, nos renova, prepara e reveste para sermos testemunhas verazes dessa tão gloriosa obra expiatória.

Memória: a Santa Ceia é para nos lembrarmos da morte do Senhor até que venha. Por esse motivo, a Santa Ceia é uma recordação, mas é mais do que uma simples lembrança. "Fazei isto em memória de mim" é uma re-apresentação da obra de graça de Deus no presente. Ao lembrarmos do Senhor, sabemos que Cristo ressuscitou e está vivo aqui e agora, não apenas uma memória pelo que foi feito no passado. Quando participamos do pão e do cálice, símbolos do corpo e do sangue do Senhor, considerando o sofrimento e o grande amor que Ele manifestou por nós na cruz.

Resgate: a Santa Ceia relembra a obra de resgate que Cristo fez análoga à libertação dos israelitas do cativeiro no Egito (Ex 1-15). Embora a Santa Ceia não foi instituída para substituir a páscoa dos israelitas, Paulo chama Cristo de nossa páscoa, o qual sacrificado por nós (I Co 5:7). Ele é o cordeiro morto e com o seu sangue comprou para Deus homens de toda tribo, e língua, e povo, e nação (Jo 1:29; 36; I Co 5:7; Ap 5:6-9).

Sacrifício: por fé e íntima comunhão com Ele relembremos na Santa Ceia que Jesus veio morrer, o Justo, derramado o seu precioso sangue no madeiro da cruz, padecendo pelos injustos e pecadores. Esse sacrifício foi um único evento "Ele apareceu uma vez por todas no fim dos tempos para remover o pecado pelo sacrifício de si mesmo" (Hb 9:26), cumprido pela Palavra feita carne. Por isso, não há sentido a ideia de que o fruto da vide e o pão transformam-se literalmente no sangue e no corpo de Cristo e é repetido seu sacrifício expiatório a cada Santa Ceia (teoria que é chamada de transubstanciação). Por isso, não são o vinho ou o pão objetos de adoração. Antes, lembramos que por sua vida Cristo torna a graça divina disponível para nós para também nos apresentamos como sacrifício vivo em união com Cristo (Rm 12:1; I Pe 2:5). Assim, somos servos dispostos ao sacrifício de sermos usados por Deus na obra de reconciliação.

Esperança futura: na Santa Ceia lembramos da morte do Senhor até que venha. Antecipamos o banquete da glória (Is 25:6; Mt 22:2; Lc 14:15). Compartilhamos com o próprio Senhor o anseio por essa festa quando disse que não mais beberia com os discípulos até aquele dia já no Reino (Mt 26:29; Mc 14:25; Lc 22:18). Quando comemos e bebemos temos comunhão com Cristo nesta vida e na vida eterna (Jo 6:47-58). Celebramos o banquete da vitória de Deus sobre o pecado, o mal e a morte (Mt 22:1-14; Ap 19:7-9; 21:1-7).

Instruções de culto em Coríntios: a Santa Ceia é a celebração maior do culto congregacional. Como mencionado em At 2:46-47, o ajuntamento público da Igreja é momento de louvor a Deus. Vários trechos centrais sobre a Santa Ceia e o culto aparecem nas epístolas aos coríntios, a qual propõe correções da vida na Igreja. Além de admoestar contra divisões (1 Co 1:10-13) e segregação (1 Co 11:21-21), convida ao exercício ordeiro e sensato dos dons espirituais (1 Co 12:1-14:40). A partir dessas epístolas e de outras passagens bíblicas há instruções importantes para reuniões da Igreja, ainda que não sejam para a Santa Ceia.

Liberdade e ordem no culto: o culto é coletivo e participativo feito para louvor a Deus e edificação mútua. “Que fareis, pois, irmãos? Quando vos ajuntais, cada um de vós tem salmo, tem doutrina, tem revelação, tem língua, tem interpretação. Faça-se tudo para edificação”. (1 Co 14:26).

O culto sincero não é orientado por repetição automática ou formal de atos, mas pela obediência e justiça (Is 1:11-17). Não invalidam o culto a Deus as diferentes formas adotadas na Igreja entre povos e através dos tempos desde que a verdadeira adoração rejeite a imposição de invenções humanas como se fossem mandamentos divinos. (Mt 15:9). Como todo agrupamento humano desenvolve suas tradições, não é problemático observá-las (2 Ts 2:15), por exemplo, orar de olhos fechados ou assentos separados por gênero nos cultos, legado da *mehitza*, ou pátio das mulheres do antigo Templo em Jerusalém.

Este culto é ministrado mediante o sacerdócio de todos os crentes (1 Pe 2:5-9). Assim, cada pessoa pode se comunicar diretamente com Deus e cultuá-lo por meio de Jesus Cristo, sem nenhum outro mediador. “Porque há um só Deus e um só mediador entre Deus e os homens, Jesus Cristo, homem” (1 Tm 2:5).

Estar diante de Deus para cultuá-lo desperta reverência (Is 6:1-8; Sl 89:7; Ap 4:4-11). Dentre os ensinamentos de Paulo aos coríntios para ordem e reverência no culto está o decoro feminino (externado pela cabeça coberta, tal como o uso do véu) e masculino (cabeça descoberta) para orar e profetizar (1 Co 11:2-16).

O culto a Deus é sem acepção de pessoas (Gl 3:28; At 8:26-39; Tg 2:1-13). Cristo chamou para discípulos desde o publicano ao zelote (Lc 5:27; 6:15), ou seja, os dois extremos do cenário político da época. Desse modo, a universalidade da mensagem de Cristo abre as portas para todos virem adorar a Deus. Não há ninguém autorizado a tomar partido de uma ou outra facção política em nome da Igreja, visto que seguir outras vozes seria uma usurpação ao culto de seu único cabeça da Igreja, Cristo Jesus.

O culto racional a Deus requer discernimento e juízo. Por isso, tudo que for dito em nome do Senhor é sujeito ao escrutínio dos santos. “Falem dois ou três profetas, e os outros julguem”. (1 Co 14:29). “Examinai tudo. Retende o bem. (1 Ts 5:21)” (cf. Jr 23,27-29; Ez 13; Dt 18:15-21; At 17:11; Jó 32:7-9).

Ordem de culto

Abertura e tudo sob a autoridade de Cristo

Na abertura do culto a invocação da autoridade de Cristo reafirma o propósito da Igreja reunida em render graças a Deus. “E, quanto fizerdes por palavras ou por obras, fazei tudo em nome do Senhor Jesus, dando por ele graças a Deus Pai”. (Cl 3:17).

Hinos

“Falando entre vós com salmos, e hinos, e cânticos espirituais, cantando e salmodiando ao Senhor no vosso coração”. (Ef 5:19). Cantado, adoramos ao Senhor (Sl 149:1).

Orações de súplica e agradecimento

“Ó, vinde, adoremos e prostremo-nos! Ajoelhemos diante do Senhor que nos criou”. (Sl 95:6). Na oração também confessamos nossos pecados (Is 6:1-8; Sl 41:4; 130:4, At 8:22, 1 Jo 1:9), fazemos petições, orações, intercessões e ações de graça em favor de todos, inclusive de todos que exercem autoridade, para que tenhamos uma vida pacífica e tranqüila, livre para vivermos em devoção e dignidade. (1 Tm 2:1-2).

Testemunho

Os testemunhos servem para a exortação mútua (1 Co 14:26) e também são momentos de confissão da fé que temos em Deus. “Eu te louvarei, Senhor, de todo o meu coração; contarei todas as tuas maravilhas”. (Sl 9:1). Adicionalmente, é um momento de ação de graças. “Salvame da boca do leão; e dos chifres dos bois selvagens. Então, declararei o teu nome aos meus irmãos; louvar-te-ei no meio da congregação. (Sl 22:21-22). Assim, ao invés de ser um momento de propagação de ideologias, contar histórias ou promoção pessoal, testifica-se os feitos de Deus.

Leitura das Escrituras

“Persiste em ler, exortar e ensinar, até que eu vá”. (1 Tm 4:13). A pregação da Palavra é central no culto (Mt 25:14; Mc 16:15), alimentando a fé (Rm 10:17).

Pregação

A leitura das Escrituras proporciona um momento de exortação à congregação. “Se alguém falar, fale segundo as palavras de Deus; se alguém administrar, administre segundo o poder que Deus dá, para que em tudo Deus seja glorificado por Jesus Cristo, a quem pertence a glória e o poder para todo o sempre. Amém!” (1 Pe 4:11). “Mas o que profetiza fala aos homens para edificação, exortação e consolação”. (1 Cor 14:3).

Benção de encerramento (Benção Apostólica)

“A graça do Senhor Jesus Cristo, e o amor de Deus, e a comunhão do Espírito Santo sejam com vós todos. Amém!” (2 Cor 13:13). É benção e pedido pela permanência divina.

Saudação

“Saudai a todos os irmãos com ósculo santo”. (1 Ts 5:26). A saudação remete ao amor (caridade), à paz e ao cuidado recíproco. O ósculo (beijo) deve externar esses afetos.